

A "cortina de fumo" de Pretória

por Miguéis Lopes Júnior

Da leitura do livro «A BOSS por dentro» do ex-agente secreto sul-africano Gordon Winter, ressaltam as tentativas do regime de Pretória para erigir uma cortina de fumo que ocultasse a sua responsabilidade directa na criação e manutenção do «MNR». Como parte desta capa, destinada a dar «credibilidade» ao grupo de sabotagem e desestabilização, estaria o famigerado Jorge Jardim, que ficou tristemente célebre em Moçambique pela sua acção colonialista e neocolonialista, bem como pelos numerosos crimes de guerra da sua responsabilidade. Outros elementos da «cortina de fumo» foram ainda diversos artigos laudatórios escritos por Winter e jornalistas ligados aos serviços de espionagem do «apartheid», fotografias forjadas, e a utilização de diversos outros renegados e traidores.

Na sua primeira referência directa a Jardim, Winter escreve que ele teria contribuído para uma operação secretamente levada a efeito por Pretória, em colaboração com os serviços secretos de Smith. Tratou-se da instalação em Umtali, na Rodésia, de uma poderosa estação de rádio que se intitulava «Voz da África Livre» e que ficou conhecida em Moçambique como «A voz da Quizumba».

Tanto a Espionagem Militar sul-africana (MI) como os serviços secretos rodésianos — afirma — desejavam ocultar o mais possível a sua «paternidade» sobre os bandos armados que organizavam e financiavam para desestabilizar a República Popular de Moçambique.

JARDIM COMO «HOMEM-CAPA»

Assim, o MI teria começado a «dar informações» à imprensa liberal sul-africana segundo as quais Jardim seria o organizador secreto e agente financiador do «MNR». Mas isto aconteceu mesmo antes dela ter sido directamente contactado.

Só mais tarde é que Jardim iniciaria as suas visitas regulares à RAS, vindo de Blantyre, no Malawi, para receber instruções do MI.

Winter diz ainda que na altura foi o único a conseguir entrevistar Jorge Jardim que, quando se hospedava nos hotéis sul-africanos, utilizava o nome falso de J. Pereira.

Outro homem ligado a Jardim seria um tal Leonel Carlos Ferreira, português, estabelecido em Joanesburgo desde 1976. Esta receberia do MI material de propaganda para alimentar o mito da genuinidade do «MNR». O material era-lhe entregue por Ben du Perez, aliás Ben Strauss, um «operacional» do MI que actuava a partir dos Edifícios Pynton, em Pretória.

«Quando encontrei Ferreira pela primeira vez em 1977 — escreve Winter — ele tinha um escritório de contactos no quadragésimo sétimo andar do prestigiado Carlton Centre de Joanesburgo. A tabuleta na porta dizia «Dale Carnegie South Africa Ltd». Dentro, havia uma sala grande cheia de carteiras, e um quadro preto.

ESCOLAS DE MERCENÁRIOS

A noite, as carteiras eram utilizadas para coleccionar bem diferente do que ensinar a fazer amigos e ganhar influência» como o curso de Dale Car-

o seu autor escreve que o agente de ligação entre o MI de Pretória e ele próprio, para distribuição dos pretendidos comunicados do «MNR», era um indivíduo que se dizia chamar «senhor Leite».

«Por acaso — afirma Gordon Winter — consegui saber que na realidade se tratava de Alvaro Réclo, um português que já tinha vivido em Moçambique».

De facto Alvaro Réclo viveu na então Lourenço Marques até vésperas da tomada de posse do Governo de Transição. No período imediatamente anterior ele intensificou as suas activi-



Esta uma das fotos tiradas nos arredores de Pretória e publicadas na Revista «To the Point» de 19 de Agosto de 1977, como sendo no interior de Moçambique numa pretensa «base do MNR»

negle se propunha. Tratava-se de uma sala de «formação» para mercenários a utilizar por Pretória nas suas diversas agressões e provocações nos países da África Austral.

Aulas semelhantes — acrescenta o ex-agente secreto — eram dadas no Instituto Vermel, no centro de Joanesburgo, um colégio privado dirigido por um amigo de Ferreira chamado António Ferronha. Dezenas de «alunos» de Ferronha acabaram, no dizer de Winter, «como mercenários em Angola».

Numa outra passagem do «inside BOSS — South Africa's Secret Police»,

portuguesa que tinha fugido para a RAS e começou a trabalhar para a Secção Moçambicana no quartel-general da BOSS em Pretórias.

Alvaro Réclo ainda vive hoje na África do Sul, acrescenta Winter — «é provavelmente ainda actua como o funcionário de propaganda de Joanesburgo para o «MNR».

AS «PROVAS» FOTOGRÁFICAS

A «cortina de fumo» que o Governo sul-africano queria provocar sobre as origens do «MNR» para se proteger do descrédito obrigou a manobras noutros campos. Assim, o próprio Gordon Winter teria escrito diversos artigos «de encomenda» nesse sentido.

Numa dessas manobras descritas por Winter, o MI «recrutou entre 10 e 20 negros que tinham fugido de Moçambique por diversas razões — políticas ou criminais. Estes homens foram reunidos, distribuíram-lhes uniformes camuflados e armas e foram fotografados... «treinando em bases secretas no interior de Moçambique». Mentira. Essas fotografias — salienta Winter — «foram tiradas a algumas milhas no exterior de Pretória, onde o terreno é semelhante ao de Moçambique».

Dois das fotografias foram depois publicadas por Winter no jornal governamental sul-africano de língua inglesa «The Citizen» a 18 de Agosto de 1977. Outras três fotos «montadas» foram publicadas na revista «To the Point» do dia seguinte, por um jornalista chamado José Ramalho. Ramalho seria, para além de Winter o único jornalista a receber regularmente propaganda sobre o «MNR». Classificado como estando ligado à BOSS, José Ramalho viveu no tempo colonial em Moçambique, tendo trabalhado no jornal «Notícias» como agente de Jorge Jardim e do general Kautza de Arriaga.

Na realidade, segundo conseguimos apurar, as fotos foram publicadas nos jornais e revistas citados nas datas indicadas. As duas imagens que acompanham este trabalho foram tiradas na referida «sessão» de montagem feita nos arredores de Pretória e apareceram na «To the Point» de Agosto de 1977 a acompanhar um artigo do citado José Ramalho.

MAIS NOMES MAIS ESQUEMAS

Outro esquema relatado por Winter diz respeito aos contactos estabelecidos por Pretória com Domingos Arouca, em Lisboa, no sentido de aproveitar o renegado fugido de Moçambique também como «cortina de fumo» para o «MNR».

Outros elementos ligados à operação sul-africana de criação do «MNR» citados por Winter seriam:

- Manuel Xavier, de origem grega ou italiana, amigo do mercenário John Banks, que fugiu de Moçambique em 1974. Operava na Secção Moçambique da BOSS em Pretória.

- «Big Bill» Jordan, americano, que dirigia uma companhia chamada Imco. Era o chefe das operações especiais da CIA contra Moçambique em ligação com a BOSS.

- Harry Edward Black, de Sussex, Grã-Bretanha, agente secreto do MI sul-africano. Antigo piloto da RAF, teria começado a trabalhar para o MI em 1974.

- Sidney Gordon Morrissy, Irlandês, agente do MI que dirigia uma frente de espionagem conhecida como «Organização dos Amigos dos Cidadãos de Moçambique (FOMACO)».



Outra das fotos montadas pelo MI sul-africano e publicada pelo seu agente, José Ramalho, como tendo sido tirada no interior de Moçambique